

USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE ESCOLAS PÚBLICAS

Mauro Cavalcante de Souza Filho
Adriana Conceição Silva

Centro Universitário Facex - UNIFACEX
mcavalcante62@hotmail.com

Resumo: Podemos dizer que Metodologias Ativas são formas de aprendizagem em que o aluno torna-se autoaprendiz, assumindo o protagonismo, Mitri et al. (2008) explicam que as metodologias ativas utilizam a problematização como estratégia de ensino/aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois diante do problema, ele se detém, examina, reflete, relaciona a sua história e passa a ressignificar suas descobertas. O objetivo desta investigação científica é analisar de que forma as Metodologias Ativas estão inseridas na prática de ensino de professores do Ensino Médio, de uma escola pública estadual, do Rio Grande do Norte. Quanto à metodologia investigativa, temos uma pesquisa de tipo exploratório/descritiva, de cunho quantitativo, na qual se utilizou como procedimento investigativo um levantamento, tendo este como técnica de coleta um questionário de tipo escalar (escala likert) com perguntas fechadas, aos alunos do 3º Ano do Ensino Médio. Podemos apreender através do instrumento da pesquisa que o objetivo a ser alcançado obteve um resultado satisfatório, pois foi verificado o uso das metodologias ativas pelos docentes, embora ainda precário e incipiente, na escola pública visitada. Coadunando a isso, os alunos reconhecem que os professores apresentam formas de ensinar que estimulam a autonomia e o pensamento crítico, que caracteriza o uso de Metodologias Ativas. Cabe ressaltar que inovar no ensino atual, em uma constatação histórica deficiente na área de educação, não é uma das tarefas mais fáceis. Para isso, os professores são as peças principais na quebra de elos tradicionais passados, sendo estimulados e acreditando que são capazes de enfrentar situações - por vezes complexas - e desafiantes com o intuito de criar e empreender novos cenários educacionais ofertando ferramentas melhores para o nosso principal público alvo: o aluno.

Palavras-chave: Metodologias ativas; Autonomia; Pensamento Crítico-reflexivo.

1. INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, alguns teóricos da educação entenderam que a aprendizagem e o ensino precisavam ir além de um processo de repasse de conteúdo pelos professores aos alunos. Teóricos como J. Dewey, W. James, A. Ferrière e E. Claparède defendiam a ideia de uma escola “nova”, em que o aluno fosse protagonista.

Esses teóricos são precursores em apresentar uma escola que tivesse uma aprendizagem “Ativa”. Todos eles condenavam a escola tradicional, uma vez que esta considerava o aluno como receptáculo de informações. Para esses pensadores, a melhor forma de aprender é pela atividade e não pela memorização (MASETTO, 2012).

Por isso, (Claparède, 1959) entendia que a brincadeira e o jogo eram estratégias para despertar, no ambiente da escola, as necessidades e os interesses do aluno. "Seja qual for a atividade que se queira realizar na sala de aula, deve-se encontrar um meio de apresentá-la como um jogo" (CLAPARÈDE, 1959, p.30).

No Brasil, o pensamento de uma aprendizagem ativa gerou as chamadas ideias escolanovistas que emergem – mais expressivamente – a partir *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, em 1932, embora desde o início do século XX, muitos educadores já apresentavam ideias que corroboravam com as ideias de uma escola em que os alunos fossem protagonistas e construtores do seu conhecimento.

O manifesto citado pregava uma educação que precisava reconhecer que todo o indivíduo teria o direito de ser educado de acordo com suas aptidões naturais, na importando razões de ordem econômica e social. Os escolanovistas brasileiros entendiam a educação como função essencialmente pública, gratuita. Pregavam uma democracia educacional, a qual ia ao encontro do governo populista de Getúlio Vargas, que buscava a necessidade de aumentar o número de escolas e de alunos matriculados.

Amparados nesses teóricos e educadores, hoje, se entende que o processo ensino-aprendizagem não pode esgotar-se em uma escola castradora e que formata conhecimentos em seus alunos, mas antes, deve formar alunos críticos, ativos que podem ser construtores de seus conhecimentos.

Isso posto, podemos dizer que Metodologias Ativas são formas de aprendizagem em que o aluno torna-se autoaprendiz, assumindo o protagonismo, Mitri et al. (2008) explicam que as metodologias ativas utilizam a problematização como estratégia de ensino/aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois diante do problema, ele se detém, examina, reflete, relaciona a sua história e passa a ressignificar suas descobertas.

Atualmente, o método de ensino centrado no professor, está aos poucos enfraquecendo e, nesse contexto, o aluno passa a ter uma autonomia maior no seu processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo assim: um pensamento mais crítico, independente e mais participativo nas soluções dos problemas. Para tanto, o uso das Metodologia Ativas nas práticas pedagógicas norteia uma nova postura do corpo docente para promover a investigação, a experimentação e a discussão, diferentemente, de realizar apenas um repasse de conteúdos (SCHIEL,2005) e, no aluno permitir reconhecer fontes de informação e de conhecimento, sob um olhar mais aprofundado.

Podemos entender que hoje a formação do indivíduo precisa incluir o uso das novas tecnologias, e, considerar o impacto da internet sobre a construção do saber, evidentemente, inaugurando, inclusive, uma forma de aprendizagem, cada vez mais significativa, na qual “os aprendentes não só absorvem o conhecimento, mas interagem, criam e recriam formas de aprendizagem, evidenciando novas construções socioculturais”(LÉVY, 1993, p.53).

O Professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e, com cada um. Essa mescla, entre sala de aula e ambientes virtuais é fundamental para abrir a escola para o mundo e, trazer o mundo para dentro da escola.

Assim, essa pesquisa justifica-se para o mundo acadêmico pela necessidade de uma investigação que mostre o processo de ensino-aprendizagem de forma ativa na aquisição de conhecimentos e usando as ferramentas tecnológicas como ponto de apoio principal.

O objetivo desta investigação científica é analisar de que forma as Metodologias Ativas estão inseridas na prática de ensino/aprendizagem de professores do Ensino Médio, de uma escola pública estadual, do Rio Grande do Norte.

Quanto à metodologia investigativa, temos uma pesquisa de tipo exploratório/descritiva, de cunho quantitativo, na qual se utilizará como procedimento investigativo um levantamento, tendo este como técnica de coleta um questionário com perguntas fechadas aos alunos do 3º Ano do Ensino Médio, de uma escola pública de Natal.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para Masetto (2010), metodologias ativas são situações de aprendizagem planejadas pelo professor em parceria com os alunos que provocam e incentivam a participação, postura ativa e crítica frente à aprendizagem. Pressupõem maior e mais efetiva interação entre alunos e professores, onde ocorre troca de ideias e experiências de ambos os lados e, em alguns casos, o professor se coloca na posição do aluno, aprendendo com ele.

Dentro da perspectiva da consolidação de uma educação de qualidade no Brasil, ressalta-se a necessidade de alunos ambientados com as novas tecnologias e com as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos; que impõem às instituições educacionais a criação de condições

para que: “crianças, jovens e adultos tenham acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania” (PCN - Temas Transversais, 1998, p.5).

A república brasileira recebeu uma herança do império com um projeto de escola pública de total abandono, pois no período imperial a escola pública não era considerada uma instituição importante para a manutenção e a reprodução das relações sociais do país. A escola pública brasileira começou a ser instalada a partir de 1894, impulsionada pelas ideias iluministas republicanas.

No final do século XIX, algumas experiências educativas inovadoras foram desenvolvidas com o intuito de rejeitar o caráter elitista que existia na época, dentre elas, a Escola Nova, que nasce dessa renovação pedagógica abrindo assim, o caminho para um novo pensar educacional para os nossos discentes, protagonizado pelos pioneiros da educação como: Anísio Teixeira e Lourenço Filho, estes se amparavam no conceito de metodologia ativa que estava fundamentado nas ideias de John Dewey, desde 1930, e, que tem como foco: o aluno, suas necessidades e interesses em repulsa a aprendizagem de memorização do conteúdo de ensino.

A Metodologia de Ensino Ativa refere-se à atividade, a qual pode ser compreendida relacionadas à ação, à prática, à produção ou mesmo à realização. Segundo Ferrater Mora (1982, p. 39), “O vocábulo ‘ação’ é um bom exemplo desse tipo de vocábulos com tantos e tão diversos sentidos que é pouco recomendável usá-los fora do contexto ou sem especificar seu emprego”. O antônimo de atividade, relacionado ao campo pedagógico e didático, pode ser referir à passividade, à inatividade, à inação.

No âmbito teórico-educacional escolanovista, a atividade é um dentre outros conceitos-chave de muita importância, uma vez que ela é promotora de experiência, da qual resulta a aprendizagem. Por esse motivo, convém elucidar o significado de experiência, porque é no interior das suas diferentes acepções, no decorrer da época moderna, que se expressam os primeiros indícios da Metodologia Ativa. Um dos indiciários é Montaigne¹ (1533-1592), que defendeu a atenção do preceptor à inteligência da criança, cabendo-lhe também incentivá-la a realizar escolhas e a exercitar o discernimento.

¹ Michel Eyquem de Montaigne(1533-1592), escritor francês, escreveu “Ensaaios”, no ano de 1572, sendo considerado o inventor do ensaio pessoal. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Montaigne Acessado em 06/05/2017.

Entendemos então, que a Metodologia Ativa está centrada no aluno, posto que sua aprendizagem torna-se protagonista, secundarizando-se o ensino, que fazia protagonizar o professor.

No desenvolvimento desse assunto, serão básicas para o entendimento dos fundamentos da pedagogia moderna: os sentidos, a experiência, o ensino, a aprendizagem que se entrelaçam no decorrer de diferentes manifestações de ordem histórico-educacional.

Por exemplo, cabe ressaltar Comênio² (1592-1670) que, em sua *Didática Magna*, privilegia os sentidos como base da experiência, tendo em vista a conformação do espírito: “[...] o verdadeiro método de formar adequadamente os espíritos consiste precisamente em que, primeiro, as coisas sejam apresentadas aos sentidos externos, aos quais impressionam imediatamente” (1996, p. 412). No campo educacional, ele compartilha da corrente empirista (CIVAROLO, 2008), a qual se desenrola nos séculos XVII e XVIII em defesa da experiência como fonte do conhecimento.

A propósito, ressalte-se a posição empirista de John Locke³ (1632-1704): “Suponhamos, pois que a mente é, como dissemos, um papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida? [...] De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência” (1973, p. 165). De acordo com Rousseau⁴ (1712-1778), a experiência também é central para a educação do Emílio: “Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica. Ela exercita continuamente as crianças; ela enrijece seu temperamento mediante experiências de toda espécie [...]” (ROUSSEAU, 1979, p. 22).

Entretanto, foi com Johann Friedrich Herbart (1776-1841) que a Pedagogia passou a ser reivindicada e estruturada como ciência, a qual devia, a seu ver, tornar-se experimental, posto que “[...] de uma experiência nada se aprende, tal como nada se aprende de observações dispersas [...]” (Herbart, 2003, p. 12). Sustentava então que é pela repetição de um mesmo ensaio, por muitas vezes, que se pode chegar a algum resultado (cf. Civarolo, 2008). Segundo ele ainda, à Pedagogia cabia construir os seus próprios conceitos, o que promoveria sua autonomia, sua orientação e sua cientificização; para isso, ela deveria se fundar em ciências afins. É com essa disposição que a

² Jan Amos Komensky(1592-1670), escritor checo, considerado o fundador da didática moderna. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comenius>. Acessado em 06/05/2017.

³ John Locke(1632-1704), filósofo inglês, conhecido como fundador do empirismo. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Locke. Acessado em 06/05/2017.

⁴ Jean-Jacques Rousseau(1712-1778), escritor suíço, um dos principais filósofos do iluminismo. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau. Acessado em 06/05/2017.

Pedagogia passa a assumir-se como Ciência da Educação, em particular no decorrer da segunda metade do século XIX (VAN ZANTEN, 2011).

De um modo geral, no decorrer do século XIX, o termo experiência foi tratado em vários sentidos: como apreensão imediata, como experiência da vida, como apreensão sensível, como afirmação de formas de experiência vivida etc. Já no século XX, chegou-se inclusive a classificar as experiências, discriminando-as por sensível, científica, religiosa, artística, filosófica etc. No dizer de Ferrater Mora (1982), “muitas tendências filosóficas no século passado XIX e no presente XX deram grande atenção à noção de ação em suas múltiplas variantes: impulso, esforço, produção, transformação etc” (Idem, p. 40). O mesmo dicionarista também se refere, em relação ao século XX, às “filosofias da ação”, sob as quais estariam agrupadas o pragmatismo (uma das fundações da Escola Nova), o existencialismo e o marxismo.

O escolanovista Édouard Claparède (1873-1940), publicou em 1931, a obra, “A Educação Funcional”. Informa ele que, por volta de 1911, utilizou a locução, educação funcional, que designava a educação que tinha por propósito o desenvolvimento dos processos mentais quanto “[...] à sua significação biológica, ao seu papel, à sua utilidade para a ação presente ou futura, para a vida. A educação funcional é a que toma a necessidade da criança, o seu interesse em atingir um fim, como alavanca da atividade que se deseja despertar nela” (1950, p. 1; cf. também p. 31-32). No entanto, esclarece o mesmo a antecedência da necessidade ao interesse: “Educação funcional é a que assenta na necessidade: [...]. A necessidade, o interesse resultante da necessidade – aí está o fator que, de uma reação, fará um ato verdadeiro” (CLAPARÈDE, 1950, p.143).

Em 1924, Claparède, foi um dos redatores do esboço da primeira carta que falava dos direitos das crianças e cofundador da UNESCO; um ponto importante ressaltado por Claparède é que o professor deveria deixar de ser o centro, passando a focar no aluno – uma verdadeira revolução copernicana.

Usar Metodologias Ativas, em sala de aula, mostra-se como uma alternativa de diversificar as várias abordagens de conteúdos durante as aulas, aprendendo o aluno a argumentar a defesa de seus pontos de vistas, tornando-se assim, cidadãos críticos e construtores do seu próprio conhecimento. Dessa forma, o aperfeiçoamento de requisitos elementares para a instrução, através de metodologias ativas, é um complemento necessário às propostas de reestruturação do ensino, sendo o estudante o protagonista, comprometendo-se com o seu aprendizado, e o professor seu mediador.

3. METODOLOGIA

Inicialmente, classifica-se esta pesquisa de tipo exploratório/descritivo. Exploratória visto que ela é utilizada pelo pesquisador quando os dados desenvolvidos são limitados e não há uma ideia clara e definida do problema em questão, será durante a exploração que o pesquisador irá obter de forma precisa a análise, determinando o fim e as definições operacionais do planejamento da pesquisa (GIL, 2006).

Assim, temos uma pesquisa de tipo exploratório/descritiva, de cunho quantitativo, na qual se utilizou como procedimento investigativo um levantamento, tendo este como técnica de coleta um questionário de tipo escalar (escala likert) com perguntas fechadas.

A pesquisa foi realizada, no período de 04 de maio de 2017, com alunos do 3º ano do Ensino Médio, sendo o universo um total de 250 alunos, tendo sido coletados para pesquisa uma amostra de 27 alunos. O instrumento aplicado foi um questionário educacional com 18 perguntas fechadas, das quais algumas foram retiradas e analisadas para atingir o objetivo dessa pesquisa.

A Escola Estadual Mascarenhas Homem, nome em homenagem ao Capitão-mor da capitania de Pernambuco, Mascarenhas Homem, o qual deu início à colonização portuguesa do Rio Grande do Norte.

A Instituição de ensino tem como práticas pedagógicas relevantes seu projetos na área cultural, onde se trabalha todas as características das regiões do Brasil, feira de conhecimento e a rede-escola que desenvolve habilidades e competências nas áreas de instrumentos musicais, fazendo com que durante o intervalo geral do estabelecimento de ensino todo o alunado vivencie um som de altíssima qualidade, além de repassar avisos da direção, dos professores, alunos e comunidade em geral, desenvolvidos durante todo o ano com a participação maciça dos discentes, com o objetivo de alcançar plenamente o conhecimento por parte dos estudantes⁵.

Quanto aos professores, procuram desenvolver diversidades de dinâmica em sala de aula com o intuito de tornar o ensino-aprendizagem mais motivador.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção, apresentaremos a parte do instrumento de pesquisa – questionário – serão expostos parte dos resultados coletados e tabulados em forma de gráficos com o intuito de

⁵ As informações aqui dispostas foram retiradas do PPC da escola pesquisada e constatadas na visita feita *in loco*.

uma melhor visualização e análise das respostas dos alunos. Foi utilizada a ferramenta Excel.

Quando perguntados se a escola **Disponibiliza meios tecnológicos em sala de aula**, pode-se notar que os alunos responderam em sua maioria (70,37%) que concorda parcialmente (37,04%) e totalmente (33,33%), que a escola pública disponibiliza meios tecnológicos em sala de aula, foi observado *in loco* por este pesquisador, e realmente estes instrumentos tecnológicos como: data show e computador encontram-se disponíveis na instituição pública para os alunos e, quando há um seminário eles utilizam o laboratório de informática.

Outrossim, a discordância da disponibilidade da escola para prover meios tecnológicos em sala de aula, obteve um índice baixo (29,63%), sendo que parcialmente (18,52%) e totalmente (11,11%). Essa resposta vem ao encontro de que a escola, embora eventualmente, permite ao aluno fazer uso da Tecnologia da Informação e Comunicação, pois apesar da precariedade, existem de 10 computadores, mas 6 apenas funcionam. Esse resultado já mostra que há ferramentas que possibilitam o uso de metodologias ativas por parte dos docentes e discentes.

Sobre a questão **Participação de debates em grupo na sala de aula**, os estudantes responderam que já participaram de uma aula, onde os grupos se formaram para debater com os colegas um determinado assunto, concordando totalmente (40,74%) e parcialmente (40,74%). Destacando o envolvimento e total interação, quando esse discente é posto em evidência, num ambiente colaborativo, onde ele tem voz e vez.

Chegou-se a discordância total (11,11%) e a parcial (7,41%), onde não ocorre a formação de grupo para debater um determinado assunto. Isso é indício de que aulas baseadas na autonomia do aluno ainda são pontuais, com aquelas aulas tradicionais, em que o professor é o dono do saber.

Quando inquiridos sobre a **Autonomia de expressar seus posicionamentos em sala de aula**, que os estudantes responderam que tem liberdade de expressar sua opinião em sala de aula, concordando totalmente (70,37%) e parcialmente (22,22%). Coloca-se como parâmetro, o pensamento crítico, em que o aluno expressa sua opinião deixando de ser um personagem passivo no processo de educação para uma postura ativa, inserindo-se em uma abordagem dinâmica.

Observa-se que apenas (7,41%), em que o discente respondeu que discorda totalmente (7,41%), caracterizando assim, a timidez por ser um passivo ou o mestre ainda ministra sua aula tradicional.

Por fim, perguntou-se sobre o **Estímulo dos professores a autonomia dos alunos**, estes responderam que são construtores de seu próprio conhecimento, conforme porcentagem de concordo totalmente (51,85%) e parcialmente (40,74%). Evidenciando a prática de metodologia ativa, que tem o desafio de transformar a sala de aula em um espaço de aprendizagem, onde a pesquisa, o compartilhamento de ideias e o debate seja uma constante mola propulsora do conhecimento diversificado.

Os índices de 3,70%, de discordo totalmente e parcialmente que os alunos não são construtores do próprio conhecimento, deve-se ao fato que ao longo do percurso educacional ele não construiu uma base sólida para a maturidade suficiente de comprometer-se com o uso e propostas das metodologias ativas.

5. CONCLUSÃO

Assim, viu-se nessa investigação que os docentes apresentam práticas que trazem a facilitação do aprendizado, e o estímulo a autonomia do alunado - amparados nas ferramentas digitais ou em outros recursos pedagógicos - trazendo novos cenários de ensino e aprendizagem, e, possivelmente descobrir outras formas de produzir a aprendizagem colaborativa.

A primeira vista, podemos apreender através do instrumento da pesquisa que o objetivo a ser alcançado obteve um resultado satisfatório, pois foi verificado o uso das metodologias ativas pelos docentes, embora ainda precário e incipiente, na escola pública visitada.

Coadunando a isso, os alunos reconhecem que os professores apresentam formas de ensinar que estimulam a autonomia e o pensamento crítico, que caracteriza o uso de Metodologias Ativas.

Cabe ressaltar que inovar no ensino atual, em uma constatação histórica deficiente na área de educação, não é uma das tarefas mais fáceis. Para isso, os professores são as peças principais na quebra de elos tradicionais passados, sendo estimulados e acreditando que são capazes de enfrentar situações - por vezes complexas - e desafiantes com o intuito de criar e empreender novos cenários educacionais ofertando ferramentas melhores para o nosso principal público alvo: o aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.: **Tecnologias na formação e na gestão escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007.

BENDER, W.: **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Penso, 2014.

CLAPARÉDE, E. **A Escola sob Medida** (tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva) – Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959.

GOMES, A.; SCAICO, P.; SILVA, L.; SANTOS, I.: **Cultura Digital na Escola**. Recife: Pipa Comunicação, Série professor criativo, I, 2015.

INSTITUTO EDUCADIGITAL: **Design Thinking para Educadores**. IDEO, 2010. Disponível em <http://www.dtparaeducadores.org.br/>

MASETTO, Marcos Tarciso. **O Professor na hora da verdade**. São Paulo: Avercamp, 2010.

PRENSKY, M.: **A aprendizagem baseada em jogos digitais**. São Paulo: SENAC, 2012.

SAVIANI, Demerval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, Demerval (et. Al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

VALEJJO, A.; ZWIEREWICZ, M.: **Sociedade da informação, educação digital e inclusão**. Florianópolis: Editora Insular, 2007.